

# revista

Folha

Parte integrante da Folha de São Paulo de 16 de abril de 2000. Ano 9 n.º 414. Não pode ser vendida separadamente. Foto Pedro Martinelli

## NEGÓCIO DE ÍNDIO

*Os baniuas, do Amazonas,  
lançam amanhã a primeira grife  
indígena de alcance nacional*

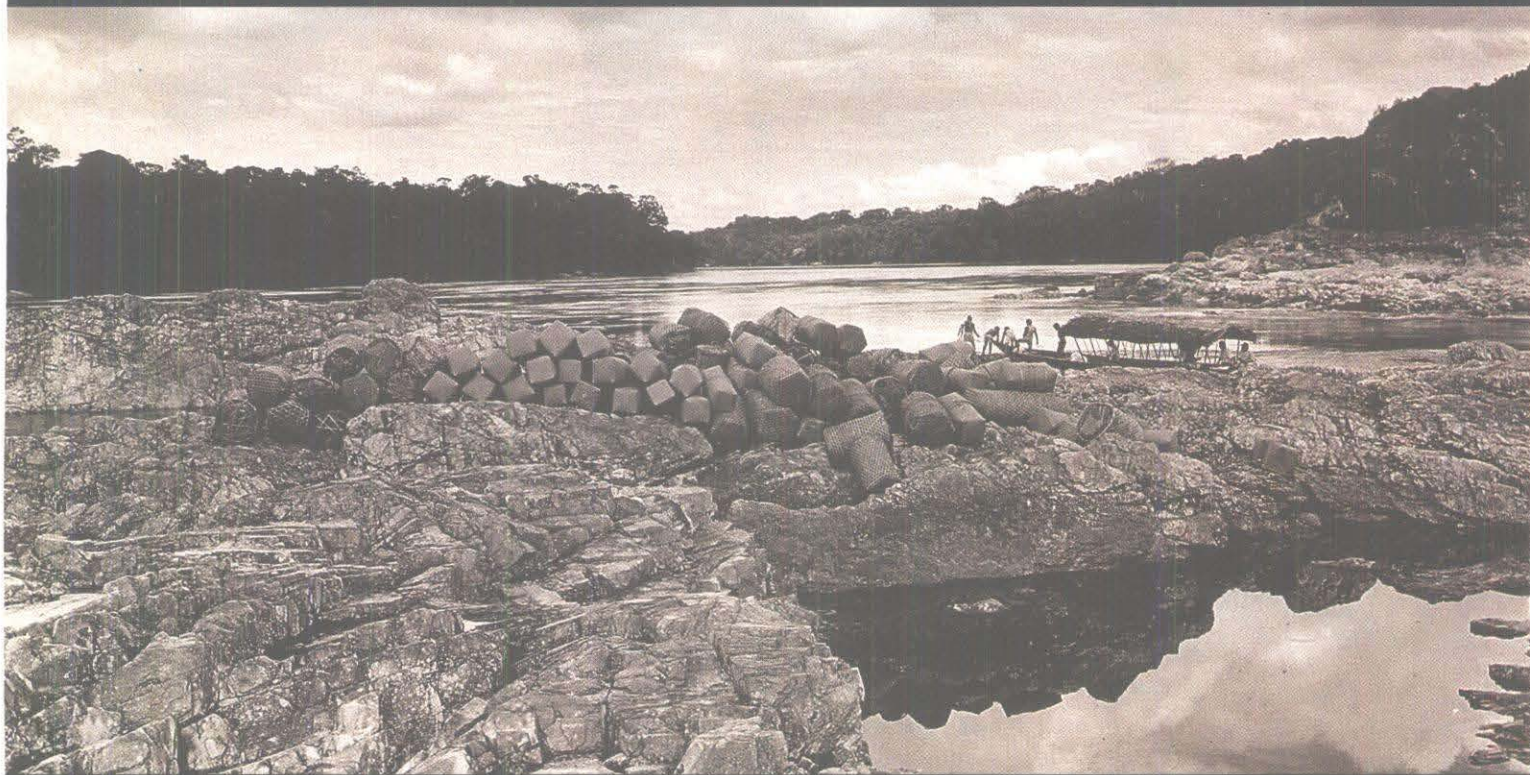
Índia separa tiras  
do talo de arumã  
para fazer cestas



Por Estanislau Maria  
Fotos Pedro Martinelli

# Índios do balaio

Como uma cesta de 2.000 anos está revitalizando a cultura baniua



Travessia da cachoeira Tunuí, a mais difícil, na qual toda a carga é retirada e o barco é arrastado com roletes de madeira sobre as pedras

**S**ão 6.400 km, 16 cachoeiras, corredeiras atravessadas em canoa escavada em um tronco, três rios, duas balsas e quatro dias de caminhão. Na semana em que se comemoram os 500 anos do Descobrimento, uma etnia dos “confins” do Brasil, os baniuas, lançam a primeira grife indígena nacional, transformando em marca um legado cultural de pelo menos 2.000 anos.

Vender artesanato quase toda nação indígena vende. São iniciativas tímidas, geralmente incipientes e sem esquema de entrega regular. O que os baniuas ambicionam é o artesanato com escala (ainda pequena), encomendas definidas e técnicas de administração. Para isso, o desafio é trazer a linha de cestaria –feita com arumã, uma palmeira nativa–, da região do alto rio Içana (na divisa com a Colômbia) até São Paulo.

O projeto é parceria de uma ONG –o ISA (Instituto Socioam-

biental)– e outras duas entidades –a Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e a Oibi (Organização Indígena da Bacia do Içana). O financiamento vem da Europa, principalmente Holanda, Áustria e Dinamarca.

O lançamento da marca e de um livro de bolso com a história baniua, amanhã, em um restaurante de São Paulo, vai festejar também uma espécie de renascimento da arte baniua, que vinha perdendo força a cada ano, a ponto de muitos meninos já não se interessarem por aprender o ofício.

Pela cultura baniua, dominar a arte da cestaria é uma espécie de ritual de passagem. Só os homens fazem; as mulheres usam. Ele só se torna homem quando aprende a fazer; ela vira mulher quando recebe uma peça de presente de um rapaz.

“O lançamento tem outro significado importante. Há séculos, existe um preconceito de que os índios não trabalham. Com isso,



Crianças da etnia baniua acompanham oficinas de mestres artesãos que ensinavam a arte da cestaria em Tucumã-Rupitá

mostramos nossa cultura, nosso poder de produção, organização e administração”, diz o baniua André Fernando, 29, presidente da Oibi, em São Gabriel da Cachoeira (AM).

A entrega das cestas é quase uma epopéia: o artesanato baniua é carregado em canoas por cachoeiras e corredeiras no rio Içana até chegar a São Gabriel, depois cruza os rios Negro e Amazonas de balsa, passa por Manaus e Belém e, de lá, vem de caminhão para São Paulo, passando por Brasília (veja na pág. 10).

“Tomara que o projeto dos baniuas impulse outras iniciativas. Produção, os índios têm. No alto Solimões, por exemplo, há 33 mil ticunas que não têm mercado. O problema é a falta de uma rede de distribuição”, diz a assessora dos projetos de produção e cultura da Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), Nicole Freris, 36.

Na região do alto rio Negro, vivem cerca de 35 mil índios (4.000

baniuas) de 22 etnias diferentes. O número representa pouco mais de 10% de toda a população indígena do país, estimada em 320 mil índios de 210 povos. A população na chegada de Cabral é estimada entre 2 e 5 milhões de índios de 1.100 povos.

Apesar da extinção de 900 etnias, a população indígena vem crescendo. Estimativas de 1995 apontavam 300 mil índios. A taxa de crescimento é de 3,2% ao ano, mais que o dobro da taxa geral da população brasileira, que é de 1,4%.

Hoje, 90% dos índios brasileiros estão em lugares diferentes de onde estavam no Descobrimento. “Isso é reflexo da colonização. Eles se esconderam, foram empurrados pelos brancos para as cabeceiras de cachoeiras”, diz o antropólogo Carlos Alberto Ricardo, coordenador do programa Rio Negro do ISA.

Segundo Ricardo, a área do rio Negro sempre foi pobre das chamadas “drogas do sertão” (urucu, canela e cravo indíge- ►

## O caminho das cestas



— Caminho por rio  
— Caminho por terra

**Percurso total:** 6.385 km  
(a rota de Cabral tinha  
cerca de 7.300 km)

**Tempo médio:** 15 dias



### 1 DE BARCO

**Duração:** 4 a 5 dias

**Distância:** cerca de 500 km pelo rio Içana e 70 km pelo rio Negro até São Gabriel



As cestas começam a ser embarcadas no alto rio Içana, fronteira com a Colômbia. É o trecho mais difícil da viagem. Os seis tripulantes enfrentam 16 cachoeiras e corredeiras, com desníveis de até 5 metros. O meio de transporte é um bongo a motor (barco escavado em um tronco de 14 metros), com cobertura de palha

Para passar nas cachoeiras, é preciso tirar a carga e levar na mão pela margem. A mais perigosa é Tunuí (a oitava), que dá nome à aldeia. O barco precisa ser descarregado e arrastado sobre as pedras com roletes de madeira

Nas cachoeiras onde há aldeia na margem, as pessoas ajudam, mas é preciso "pagar" presentes

### 2 DE BALSA

**Duração:** 3 dias

**Distância:** 30 km por terra até o porto de Camanaus e 1.100 km de barco pelo Rio Negro até Manaus

Chegando a São Gabriel, há fortes corredeiras no rio Negro. Para evitá-las, as cestas são levadas de caminhão até o porto de Camanaus. De lá, são despachadas por balsa para Manaus. A partir daí, não há mais cachoeiras nem corredeiras

### 3 CAMINHÃO E NOVA BALSA

**Duração:** de 3 a 4 dias

**Distância:** 1.550 km pelo rio Amazonas até Belém

Em Manaus, a cestaria é carregada em um outro caminhão, que segue de balsa (não há estradas) até Belém

### 4 PELA ESTRADA

**Duração:** de 3 a 4 dias

**Distância:** 2.120 km por rodovia até Brasília e mais 1.015 de Brasília até São Paulo

O caminhão desembarca da balsa no porto de Belém e segue pela rodovia Belém-Brasília e depois para São Paulo

### OS ÍNDIOS DO ALTO E BAIXO RIO NEGRO

**Etnias:** 22

**População:** 35 mil

**Área demarcada:** 106 mil km<sup>2</sup>

(71 vezes a cidade de São Paulo)

**Grupos linguísticos:** 5 (aruaque, macu, tucano, ianomâmi e português)

### A ETNIA BANUIA

**População:** 4.000

**Comunidades:** 100 (sítios e aldeias)

**Crianças em idade escolar fora da escola:** 20%

**Religião:** 80% protestantes, 20% católicos

**Rito de passagem:** meninos ofertam cestas para meninas após 30 dias de reclusão; só é considerado homem o rapaz que sabe fazer o artesanato

**Principais problemas de saúde:** malária, tuberculose, tracoma, diarreias, picadas de cobra

**Trabalho:** roça de mandioca, caça, pesca e artesanato

**Alimentação:** peixes, mandioca e produtos derivados, frutas e raízes

**Produtos de artesanato:** cesto (urutu), balaio, peneira, tipiti, abano, jarro

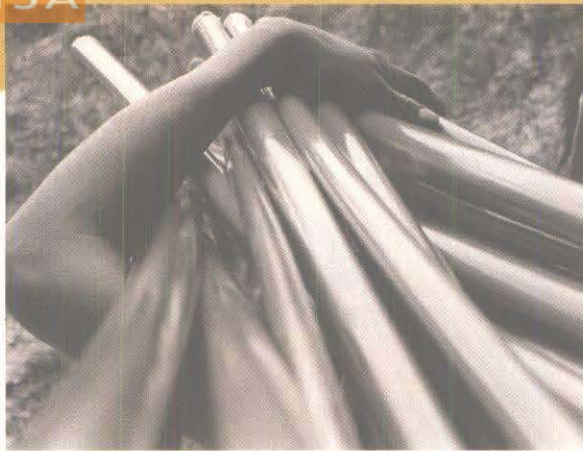
**Comunidades que vendem para SP:** 16

**Produção inicial:** 400 dúzias de cestos/ano

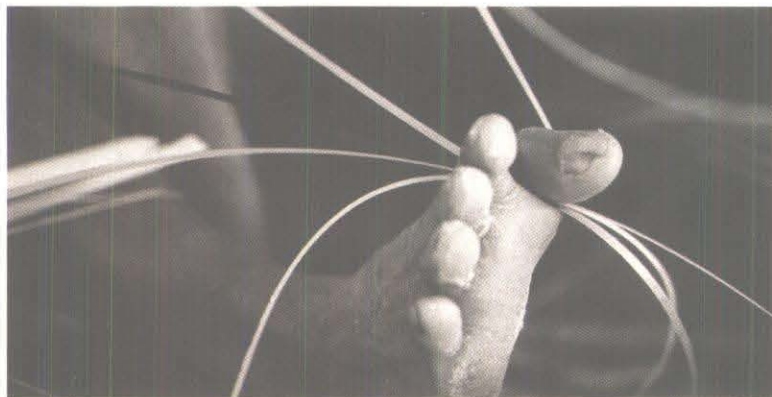
**Remessas:** 100 dúzias a cada 3 meses

**Quanto recebem das lojas:** R\$ 160/dúzia





No sentido anti-horário, o arumã é colhido na floresta; a clorofila da planta é raspada e a casca fica na cor natural ou é pintada de vermelho (com urucum) ou preto (com fuligem de lamparina); o índio prende o tarumã no pé e vai descorticar o talo; as peças são feitas trançando-se as tiras



nas, cacau, castanha, pimenta), cobiçadas desde a febre extrativista na Amazônia colonial (a partir do século 17) e depois com a da borracha (final do século passado e começo deste). Essa falta de recursos provocou na região do rio Negro um processo inverso. Muitos índios foram “descidos” desde o século 18, atraídos pelos brancos que os escravizaram na roça até transformá-los em empregados domésticos em Belém e Manaus.

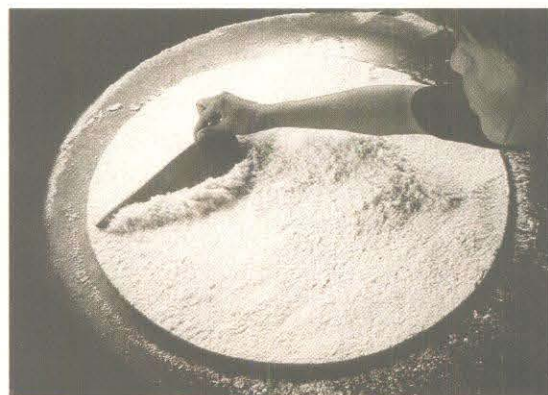
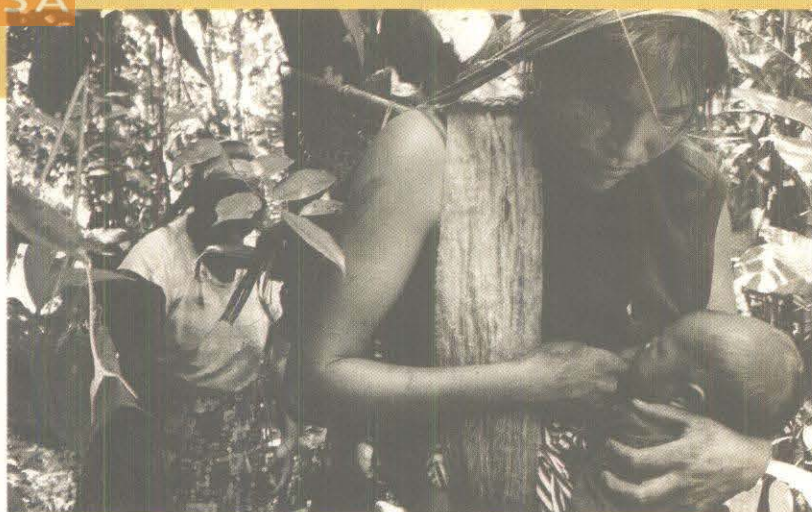
O município de São Gabriel da Cachoeira é um pouco reflexo desse “descimento”. Cerca de 90% da população é de origem indígena, muitos migraram das aldeias ou já nasceram na cidade. Há dois bairros exclusivamente indígenas, o Dabaru e Areal.

A cidade, de 27 mil habitantes, segundo o último Censo (48 mil, segundo o prefeito, Amilton Gadelha, PTB), não tem riqueza própria. Sem agricultura forte (apenas roças de subsistência) nem

indústria, vive dos repasses governamentais. O grosso da renda que movimenta o comércio local vem de aposentadorias e salários do funcionalismo público e dos militares.

Dos 20 padres da diocese, 4 são índios, entre eles o pároco da cidade, padre João. O bispo, dom Walter Azevedo, 73, não é índio, mas fala ianomâmi e nhangatu (a língua geral). Dos 20 policiais militares, 16 são índios. E quase a totalidade dos soldados do 5º BIS (Batalhão de Infantaria de Selva do Exército) é indígena.

Como qualquer cidade, a periferia tem os maiores índices de violência. Nos últimos seis meses, dois índios foram mortos. Começam a aparecer gangues de adolescentes e, além do alcoolismo —um dos problemas sérios locais—, está aumentando o consumo de maconha. As polícias federal e militar têm indícios de que a cidade é uma das rotas da pasta de cocaína colombiana. ▶



No sentido anti-horário, índia volta da roça com filho e cesta de mandioca nas costas; o preparo começa na lavagem; depois é formada a massa; no tipiti, a massa é espremida e vira tapioca; numa chapa quente, a tapioca é espalhada e se transforma em beiju



### MAIORIA PROTESTANTE

Os baniuas vivem em sua maioria nas aldeias. São predominantemente protestantes e, na última década, livraram-se de madeiros e garimpeiros e conseguiram a demarcação da área.

“Animar a produção de objetos da casca de arumã, além de gerar renda para o nosso povo, é também uma forma de reciclagem e disseminação da nossa cultura”, comemora Bonifácio José, 31, representante baniua na Foirn, com sede em São Gabriel.

Bonifácio defende a reciclagem citando o próprio exemplo. Ele mesmo não sabe fazer direito a cestaria, que aprendeu com o pai.

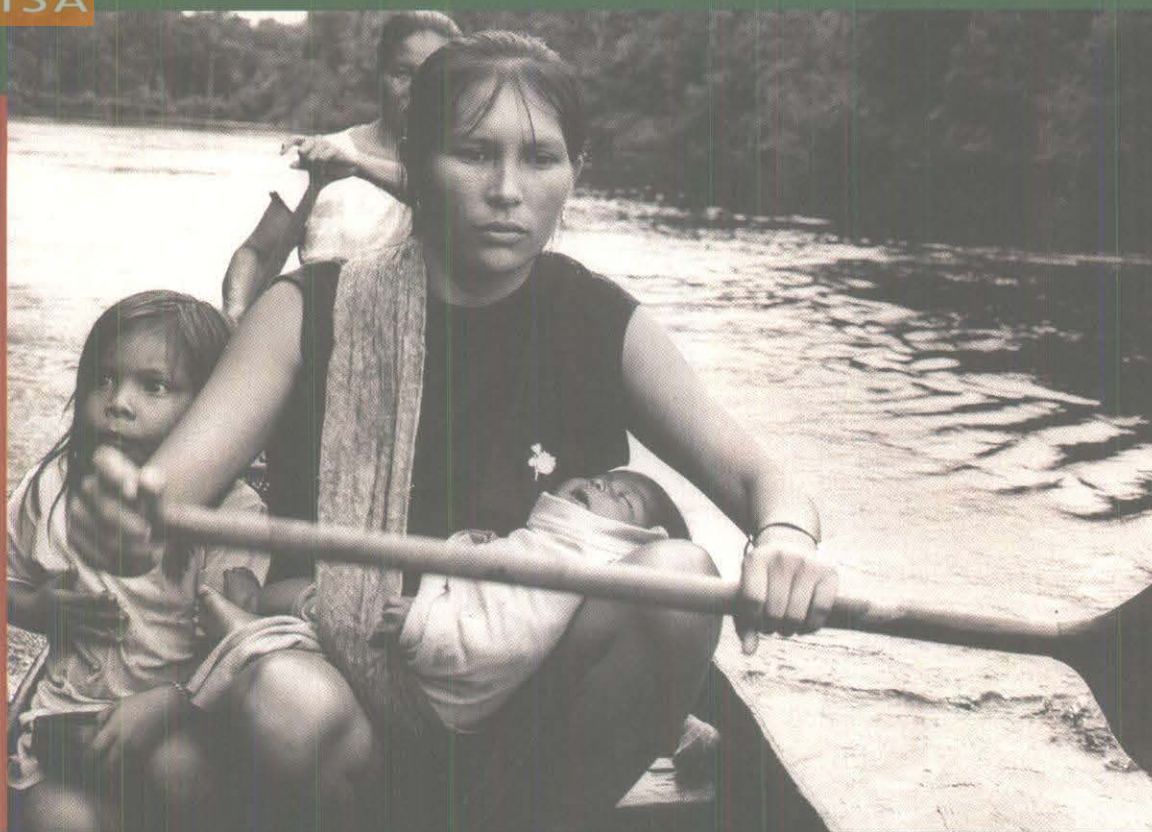
Já seu tio, Nazário Elias, 45, trama cestas com destreza. Na manhã do dia 1º, sentado em um caixote no meio da sua casa, Nazário montava um dos cestos que vêm para São Paulo. “Mudei pa-

ra São Gabriel para dar escola aos quatro filhos, mas trabalho com roça e, nas horas vagas, faço os cestos”, diz Nazário, em baniua, para o sobrinho traduzir.

Sua casa da cidade só é diferente daquelas da aldeia por ter telhado e geladeira. Ao longo do rio, as casas são cobertas de palha (mais convenientes ao clima), as paredes são de barro batido pintado com tabatinga (espécie de argila) branca e o chão é revestido com leite de sorva (árvore típica da floresta úmida).

A mobília se resume a duas mesas e bancos de madeira, fogão a gás, cestas e jarros de arumã e redes presas aos esteios que sustentam o telhado.

Nas aldeias e na cidade, índias e índios se vestem como qualquer morador de cidade quente no Brasil: calça de algodão, ►



## Em que eles gastam o dinheiro?

pilha  
 diesel  
 sal  
 sabão  
 fósforo  
 anzol  
 material de caça  
 roupa  
 calçado  
 panelas  
 motor para barco

Com os filhos, Claudia vai para a roça

## 'Mulheres querem roupa para os filhos, rádio, enfeite'

Na cultura baniua, os homens pescam, caçam, preparam a roça e fazem cestas e utensílios domésticos de artesanato; as mulheres usam esses utensílios no preparo da mandioca. Mas não fazem a cestaria. No máximo ajudam pais e maridos.

Com as encomendas de São Paulo, por enquanto há apenas uma artesã nas 16 comunidades. "Mas as mulheres também querem ganhar dinheiro para comprar roupa para as crianças e coisas para elas", diz a índia Claudia Lara Miguel, 25, mulher do presidente da Oibi (Organização Indígena da Bacia do Içana), André Fernando, 29.

Para falar com Claudia, a **Revista** precisou previamente pedir autorização a André. Tímida, ela avisou logo no começo da entrevista: "vou falar em baniua". Talvez para não conversar diretamente com um estranho, o intérprete foi o marido. Leia trechos a seguir:

**Revista** - As crianças vão para a roça?

**Claudia** - Sempre levo os meninos. Todas as mães levam. Ao amanhecer, preparo peixe e chibé (mingau de farinha de mandioca), que vão ser nossa comida no mato. Há frutas na floresta e ainda cana-de-açúcar e abacaxi para as crianças.

**Revista** - Quem cuida dos meninos enquanto você colhe a mandioca?

**Claudia** - Quando se tem mais de um filho, o mais velho cuida do menor ou dos menores. Senão, você carrega a criança.

**Revista** - Vocês não dividem esse trabalho com os maridos?

**Claudia** - Não.

**Revista** - Por quê?

**Claudia** - Porque sim. É assim mesmo. O marido caça, pesca e faz o artesanato. A mulher cuida das crianças e da comida, desde o plantio até o preparo da massa de mandioca, beiju (espécie de grande tapioca) e farinha. O marido trabalha na derrubada e prepara a

roça. Depois que a roça fica pronta, a mulher cuida de tudo sozinha.

**Revista** - Vocês vão para a roça todo dia?

**Claudia** - Não. Alguns dias a mulher fica na aldeia para cuidar da casa, lavar roupa e preparar a mandioca.

**Revista** - E o artesanato?

**Claudia** - Algumas mulheres estão interessadas, sabem fazer e também querem vender as cestas. Elas pretendem ganhar dinheiro e comprar roupa para as crianças e coisas para elas, panela, rádio, roupa, enfeite.

**Revista** - Para chegar de Tucumã até São Gabriel são três dias de barco. É arriscado com as crianças?

**Claudia** - É a nossa vida. Fazemos sempre isso. Nas cachoeiras, nós descemos do barco, e eu cuido dos meninos enquanto os homens arrastam o barco.

**Revista** - O que vocês comem?

**Claudia** - Levo farinha, beiju, frutas e muquiado (espécie de peixe defumado). Bebemos água do rio mesmo.

## 'Troquei o escritório por um barco'

POR PEDRO MARTINELLI

*Minha aproximação e paixão pelos índios da região Norte já duram 30 anos. Em 1970, fui destacado pelo jornal "O Globo" para acompanhar o contato dos irmãos Villas Bôas com os índios panará (na divisa entre Mato Grosso e Pará). Fui para fazer reportagem de um mês, acabei ficando seis. Voltei para lá e morei mais três anos.*

*Desde então, virei um apaixonado pela Amazônia. Acompanhei equipes de contato, documentei a vida e o cotidiano de muitas etnias indígenas, e, com muita tristeza, testemunhei a morte de metade do povo panará em 25 anos.*

*Há três anos, conheci os baniuas, artesãos e caçadores que, com uma tremenda organização, lutavam pela demarcação da terra (conseguida no ano passado). Quis então mergulhar nessa outra região, outra nação. Passei a documentá-los para contar de forma muito clara e didática a transformação do índio no Brasil.*

*Já fui diretor da editora Abril, tinha carro, um senhor cargo, essas coisas de executivo... Pedi demissão. Troquei o escritório por um barco em Manaus. Hoje me divido entre a Amazônia e São Paulo.*

*Faço fotos para livros, moda, publicidade. Junto dinheiro aqui para bancar meus projetos e viagens por aqueles rios. O que me impulsiona, minha utopia, é melhorar a qualidade de informação sobre esse assunto.*

*Quería encurtar distâncias entre o menininho daqui que tem dinheiro, estuda em escola particular e vai a Miami e o menininho que corta arumã com o pai índio no meio da floresta.*

*Está aí a globalização. Apesar da Internet e toda essa parafernália, cada vez estamos mais isolados. O menininho que visita a Disney acha que o o menininho da floresta é criminoso, porque come tartaruga...*

*Mas também não acredito que o homem branco vá deixar o índio em paz. Não acredito nos projetos agropecuários, nas madeireiras, no governo.*

*Sei que a questão é polêmica e até hoje não tenho uma resposta. Passados 30 anos desse meu envolvimento, com tudo que li, testemunhei, aprendi e trabalhei, ainda não sei se devemos nos aproximar ou deixá-los isolados. Eu me preocupo com essa coisa de o branco estar sempre se metendo na vida dos índios.*

Pedro Martinelli, 50, é fotógrafo independente e trabalha com documentação e publicidade



vestido, jeans (geralmente surrado), bermuda, camiseta, camisas de times de futebol (Flamengo, Corinthians, Barcelona...). Havaianas são comuns, o que aumenta o risco das picadas de jararacas, abundantes na região. O veneno da cobra gangrena a região afetada e o risco de morte ou amputação é grande.

Para ir do alto rio Içana até São Gabriel, onde há hospital, são três dias de barco. As picadas só não são fatais porque os índios se curam com plantas. O baniua Fernando, 55, já foi picado quatro vezes. "Só não morri nem perdi a perna graças às beberagens", diz em baniua, já que quase não fala português.

Os índios do rio Negro falam em geral quatro línguas: a do pai, a da mãe (quando são de etnias diferentes), português e a língua geral, uma espécie de tupi amazônico.

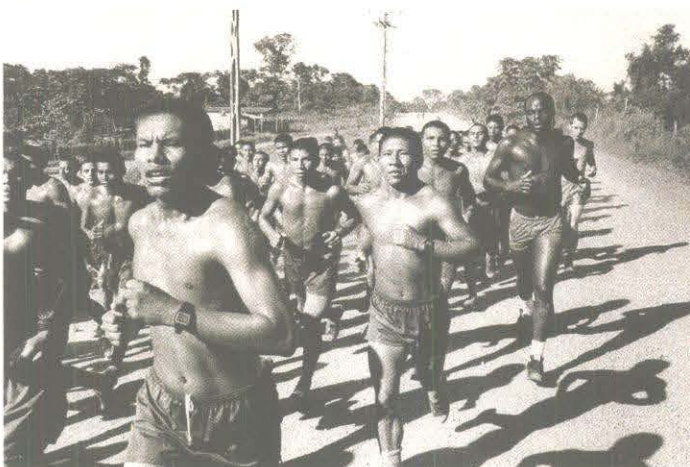
Morador de Tucumã-Rupitá (cerca de 330 km de São Gabriel), Fernando sofreu a última picada em 1993, mas foi levado ao Hospital Militar (único de São Gabriel, conveniado com o SUS). Como a necrose já estava adiantada, os médicos quiseram amputar sua perna. Os filhos não deixaram, e ele voltou às ervas na aldeia. Foram quatro meses de cama e uma cicatriz profunda na perna. Hoje, anda normalmente.

Na cidade, enquanto Nazário continua tramando o artesanato,





Ao lado, vista da praça central da aldeia Tucumã-Rupitã; acima, índios baniuas participam de culto evangélico em aldeia no rio Içana; abaixo, soldados do Exército fazem treinamento em São Gabriel da Cachoeira



seu pai, Elias, 70, chega e também começa a manusear o arumã (veja como é feita a cesta na pág. 11). A mulher de Nazário traz uma bebida para as “visitas”: açaí morno, com água e um pouco de farinha. O primeiro a receber a panela com a pequena cuia é o mais velho.

Com um comentário em baniua, ele aprova a bebida, passada então aos outros. Um a um, todos recebem a panela e tomam duas ou três cuias, que, mesmo com a farinha, é bem rala. O gosto é bom, mas a temperatura, nem quente como café nem fria como o açaí tradicional, é estranha. Não aceitar é desfeita. Alguns visitantes o fazem, com medo da tuberculose, que, como a malária, tem grande incidência.

“A região é isolada e tem como maior desafio os problemas de saúde, graves e endêmicos”, diz o antropólogo Ricardo, do ISA. Por isso, o lançamento da grife baniua é encarado como uma das saídas. “O sonho é conseguir vender toda a cestaria em muitas lojas de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Manaus, Salvador. E envolver todas as quase 700 comunidades para melhorar as condições de transporte, educação e saúde na região”, diz.

Por enquanto, os baniuas têm encomendas apenas da Tok & Stok, que vai vender os urutus (cestos). Inicialmente, serão 400

dúzias de cestos por ano, em quatro remessas de cem dúzias. Produzem ainda redes, jarros, balaios, aparadores, peneiras e tipitis.

O tipiti é o teste final para o adulto. É uma espécie de reservatório cilíndrico comprido usado para secar a massa da mandioca cozida. Toda a mandioca, que é a base da alimentação, passa pelo tipiti. O índio que não sabe fazer não é considerado adulto, porque depende da comida dos pais, e não pode ter família.

Os baniuas dizem não ter muito o que festejar nos 500 anos e estarão na Marcha Indígena 2000, que reúne povos de todo o Brasil e deve chegar a Porto Seguro nesta semana.

Apesar de terem as terras demarcadas, pairam sobre os baniua duas ameaças: a militarização da região de fronteira, por causa do narcotráfico e da guerrilha, e a invasão de mineradoras que esperam a autorização legal para trabalhar em terra indígena. A Constituição de 1988 prevê esse dispositivo, mas falta uma lei ordinária que regulamente essa entrada. Já há uma lista de espera de mineradoras aguardando tal autorização e aí... serão outros 500. ▮

#### serviço

O livro de bolso sobre a arte baniua estará disponível no ISA, av. Higienópolis, 901, e nas lojas Tok & Stok, por R\$ 10. Também na versão eletrônica no site [www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org). Tok & Stok: tel. 0800-160161. O preço dos cestos varia de R\$ 25 a R\$ 44.